

CARBOJOSA, I.

Hebraica veritas versus Septuaginta auctoritatem.
¿Existe un texto canónico del Antiguo Testamento?
Navarra (Espanha): Verbo Divino, 2021, 174 p.
ISBN 978-84-9073-690-6 (edición original española)

Waldecir Gonzaga

No dia 30 de setembro de 2020, por ocasião dos 1.600 Anos da morte de São Jerônimo (420–2020), o Papa Francisco, celebrando sua memória litúrgica, em São João de Latrão, Roma, Itália, assinou e entregou à Igreja a *Carta Apostólica Scripturae Sacrae Affectus*, para celebrar a memória e o valor deste insigne filho e ilustre doutor da Igreja.

O mundo respondeu de imediato à convocação do Papa Francisco para que se celebrasse o XVI centenário da morte de Jerônimo e para que se revisitasse sua pessoa e obras, sobretudo pensando ao grande tradutor da Bíblia, das línguas originais para o latim (AT e NT), pois era um *vir trilinguis* (latim, grego e hebraico). O texto final ganhou o nome de *Vulgata* e se tornou o texto normativo para a Igreja Ocidental, sendo capaz de moldar inclusive a língua latina e a cultura ocidental em muitos aspectos. O papa solicitou que se valorizasse toda a riqueza dos comentários bíblicos, epistolografia e demais escritos de Jerônimo. Pelo mundo afora, foram escritos artigos e livros, como este ora apresentado. Antes de comentar a beleza e a riqueza deste livro, de seu palatável linguajar e didatismo, porém, é bom dar uma palavra sobre o autor da obra e recordar alguns dados históricos de Jerônimo, o celebrado.

O autor desta obra, Ignacio Carboja, é espanhol, nasceu em 1967, Cartagena, e foi ordenado sacerdote em 1997, Diocese de Madrid, Espanha. É doutor em Ciências Bíblicas, pelo Pontifício Instituto Bíblico, de Roma, Itália. Atualmente é professor de AT junto à *Universidad San Damaso de Madrid* e

diretor da Revista Estudos Bíblicos. Ele é autor de várias obras, artigos e livros, entre os quais, esta obra em questão.

O autor celebrado, no XVI Centenário de sua morte, chamava-se Eusébio Jerônimo. Nasceu em Estridão, na Europa Oriental, no ano de 347 d.C., e faleceu em Belém, Palestina, aos 30 de setembro de 420 d.C., data de sua memória litúrgica. Sua formação deu-se em Roma, onde estudou sobretudo a arte da retórica, dedicando-se à literatura e aos clássicos latinos. Após seus estudos, fez várias experiências monásticas, inclusive entre os anacoretas e eremitas, e conheceu grandes personalidades de sua época, tanto no Ocidente com no Oriente, como Rufino de Aquileia, Gregório de Nazianzo, Orígenes, Agostinho de Hipona, Dídimo, o Cego etc., todos dedicados à Palavra de Deus.

Com o Papa Dâmaso, Jerônimo voltou para Roma, participou do Concílio Romano I e recebeu do próprio Pontífice a incumbência de rever os textos dos Evangelhos e assumiu a tradução das Sagradas Escrituras, das línguas originais (hebraico, aramaico e grego) para o Latim (*Vulgata*), obra que ele realizou ao longo de aproximadamente 20 anos, de 385 d.C. a 405 d.C. Para tal missão, vendo as condições, Jerônimo se transferiu para Belém, onde viveu até sua morte. Lá, além dos textos nas línguas originais, também entrou em contato com as obras de Orígenes, especialmente a *Hexapla*, em 6 colunas bíblicas, conhecendo as diferenças entre os textos de então, e aderiu ao princípio *hebraica veritas*, o que vai dar uma guinada em sua visão bíblica e sobre o cânon bíblico. A ideia primeira seria revisar a *Vetus latina*, mas Jerônimo decide fazer uma tradução *ex novo*, das línguas originais para o latim.

A influência oriental, em Belém, com adesão ao critério da *hebraica veritas*, fez com que Jerônimo abandonasse o texto da LXX, mais lido e usado na Igreja desde os tempos apostólicos, e se voltasse diretamente ao Texto Hebraico, para o AT. Isso também o teria influenciado muito a afirmar que os textos bíblicos escritos em grego, presentes na versão grega da LXX, não eram canônicos e sim apenas os que tinham sido escritos em hebraico ou aramaico. Porém, mesmo assim, Jerônimo traduziu tanto os *protocanônicos* como os *deuterocanônicos*, e alguns *apócrifos*. Os *deuterocanônicos* ele os dispôs no corpo da Bíblia, entrelaçados com os *protocanônicos*, e os *apócrifos* foram colocados num *Apêndice*, no final, como é possível conferir na Vulgata. Outro dado interessante é que nem mesmo a adesão ao princípio *hebraica veritas* fez com que Jerônimo aderisse ao *Cânon Palestinense*, ficando, porém, com o

arranjo do *Cânon Alexandrino* para o AT. Com isso, a ordem dos livros bíblicos do AT, para Jerônimo, também segue a classificação da LXX e não do Texto Hebraico. Ou seja, a Vulgata representa uma verdadeira “obra de síntese”, traduzida e formatada a partir dos dois princípios: *hebraica veritas et Septuaginta auctoritas*.

Respondendo ao convite do Papa Francisco, Ignacio Carboja aceita colaborar sobre a temática. Porém, visto a amplitude da riqueza de toda a literatura produzida por Jerônimo, era preciso escolher discorrer sobre um dos temas deste gigante do cristianismo. Ignacio Carboja, então, escolheu um tema que foi travado na Igreja Antiga e superado no final do século IV d.C., mas que foi retomado com a Reforma Protestante, ou seja, a questão do Cânon Bíblico: seguir o cânon dos judeus, portanto, do AT, chamado curto, o *Palestinense*, em língua hebraica, ou o chamado longo, *Alexandrino*, em língua grega. Em jogo estava e está se “a verdade vem do texto hebraico” (*hebraica veritas*) ou “da autoridade do texto recebido pela Igreja” (*Septuaginta auctoritas*). Para tanto, o título desta obra é espetacular e muito sugestivo, retratando muito bem o contexto dessa batalha, que parece interminável: *Hebraica veritas versus Septuaginta auctoritatem*. Seu subtítulo retrata igualmente a temática a partir de onde se fazer a tradução de nossos textos bíblicos do AT: *¿Existe un texto canónico del Antiguo Testamento?*

O texto do NT foi todo escrito em grego e isso não criou problemas linguísticos. Portanto, para o NT, vale a *Graeca veritas* (“a verdade revelada está no texto original em grego”). O problema deu-se apenas em relação ao AT, escrito em hebraico, parte em aramaico e parte em grego. Ao que tudo indica, a Igreja Primitiva não viu problemas nisso, nasceu e se desenvolveu com o texto do AT na versão grega e pouco usou o texto hebraico, inclusive para citações e alusões do AT no NT. Hoje há mais de 6.000 Manuscritos Bíblicos, com muitíssimos do AT, e nenhum é igual a um outro em sua totalidade. Essa disparidade entre os muitos manuscritos dificulta chegar a um consenso sobre qual manuscrito seria o original de fato.

Mas toda essa discussão só foi possível porque há um segundo grande personagem nesta batalha: Agostinho de Hipona, outro gigante do cristianismo. Como Jerônimo, Agostinho também é latino e um dos maiores Padres da Igreja. Homem de vasta cultura, igualmente com formação na arte da retórica e em filosofia grega, cristão neoplatonista, como outros tantos no século IV d.C.

Agostinho é profundo conhecedor do latim, escreve e lê em latim, e não em grego ou hebraico. Ele reconhece o valor e capacidade de Jerônimo em traduzir a Bíblia. Mas Agostinho também tem muito claro o valor da tradição da Igreja, que recebeu o texto bíblico a partir da “autoridade dos apóstolos”, por meio da versão grega da LXX e não do Texto Hebraico. Para Agostinho, conta o fato de que “a LXX foi aprovada pelos Apóstolos” (Carta 116,35), portanto, a autoridade, para ele, está na *Septuaginta*.

Para Ignacio Carboja, esta batalha só foi possível ser travada nesse nível e estatura, porque o cristianismo gerou estes dois proeminentes filhos nesta mesma época (Jerônimo e Agostinho), homens de uma envergadura inigualável, que sabiam das capacidades do outro e se respeitavam mutuamente, mas, sobretudo, porque amavam e muito a Igreja, mãe que os havia gerado na pia bastimal. Se em épocas diferentes, isso não teria sido possível.

Em sua introdução à obra, Ignacio Carboja resgata toda a contextualização da situação histórica da celebração do XVI centenário da morte de Jerônimo, com dados biográficos e caminhada religiosa. E seguida, desenvolve a temática propota em dez capítulos, de forma muito didática, em linguajar claro e cativante. Difícil iniciar a leitura e não ir até o fim, pois um capítulo leva ao outro e conduz a leitura até o fim da obra. Difícilmente se encontra outra obra sobre esta temática, ao mesmo tempo, tão abrangente e simples.

Seu conteúdo é muito didático. Seus dez capítulos realmente nos dão uma ideia do tema e dicas para uma possível solução para o problema de traduções litúrgicas: 1) a polêmica entre Jerônimo e Agostinho: traduzir o AT a partir do texto hebraico ou do grego? 2) as diferenças textuais entre a Bíblia hebraica e a grega; 3) a *hebraica veritas*: luzes; 4) a *hebraica veritas*: sombas; 5) a *Septuagina auctoritas*: luzes; 6) a *Septuagina auctoritas*: sombras; 7) uma palavra da Igreja: o Decreto de Trento; 8) a *Vulgata* latina: uma obra de síntese; 9) lições do passado para uma superação das polêmicas; 10) o espírito sintético nas traduções litúrgicas.

Ignacio Carboja defende que elaborar uma Bíblia em colunas, com os vários textos, a exemplo da Hexapla de Orígenes, não seria a solução para o problema das traduções litúrgicas. Seria o caso de elaborar um “texto sinótico”, não no sentido vertical e sim no sentido horizontal? Elaborar uma espécie de “texto harmônico”, com todas as diferenças? Como fazer com as várias versões antigas, das Igrejas orientais e da Sinagoga? Qual texto

protomassorético Jerônimo teria usado para sua tradução? Teria sido a *Septuaginta* traduzida de qual manuscrito antigo? De onde teriam vindo as diferenças entre o Pentateuco Samaritano, o Pentateuco Massorético e o da LXX? Seria possível encontrar um “texto original” hebraico (*textus primigenius*)? De qual texto traduzir para as línguas modernas, com finalidade litúrgico-pastoral? Para estas e tantas outras perguntas existem respostas e dicas nesta belíssima obra. Enfim, do *desideratum* de Ignacio Carboja, para o contexto litúrgico, em que o AT e o NT dialogam, no que diz respeito à fé, é que entrem em diálogo igualmente os dois critérios: *hebraica veritas et Septuaginta auctoritas*, abraçando os livros aceitos pela Tradição e autoridade Apostólica.

Se não bastasse todo seu conteúdo, o leitor ainda encontra uma vasta e rica bibliografia, que o autor vai colocando nas notas de rodapé. A isso, somam-se às fontes pesquisadas, de Jerônimo e de Agostinho, bem como à troca de correspondências, o *sentire cum ecclesia* de cada um deste dois grandes Padres da Igreja, proeminentes luminares do Igreja Ocidental latina, homens de altíssima e invejável envergadura intelectual e eclesial. Cada um em seu ramo, mas estrelas que até hoje reluzem a Palavra de Deus e sua Doutrina.

Alia jacta est! Espero que em breve possamos ter esta obra traduzida e publicada em português no Brasil, o que facilita não apenas a leitura, mas igualmente o acesso em termos de aquisição.

Waldecir Gonzaga

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università Gregoriana
Docente de Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Católica do

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: waldecir@puc-rio.br